



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Credenciada pela Portaria MEC nº 594 de 28 de fevereiro de 2005

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.br

O PROFESSOR E OS DESAFIOS NO ENSINO APRENDIZAGEM DA CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA

Kamila Machado¹

Lucimara Glap²

Resumo: Apresentar os desafios do professor trabalhando com alunos espectro autista é o que pretende este artigo. Procurando responder a pergunta: O professor encontra-se preparado para trabalhar com alunos Espectro Autista? O objetivo do trabalho foi analisar a formação que os professores do ensino regular têm para realizar o trabalho pedagógico com alunos de Espectro Autista no Ensino Fundamental e, para isso, realizou um levantamento com professores de uma escola da rede privada e uma escola da rede pública municipal onde haviam alunos com espectro autista regularmente matriculados no Ensino Fundamental. A principal constatação foi a de que os professores acabam tendo que buscar informações a respeito do tema somente quando encontram esse aluno em sala de aula, não tendo em sua formação subsídios para trabalhar com esse aluno.

Palavras-chaves: Desafios. Aprendizagem. Professores. Dificuldades. Autismo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar os desafios que o professor enfrenta, no processo de ensino/aprendizagem das crianças espectro autista. Buscou levantar se

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

² Orientadora, Professora da Faculdade Sant'Ana, Mestre em Educação.

a seguinte problemática, os professores encontram-se preparados para trabalhar com alunos Espectro Autista?

Dentre tantas temáticas disponíveis, fazer algo que esteve presente no dia a dia da pesquisadora influenciou na escolha do tema, pois a mesma trabalhou com uma criança de 5 (cinco) anos com Espectro Autista por mais de um ano e isso despertou a curiosidade em conhecer de forma científica como os professores percebem essa socialização e os desafios de ensino aprendizagem de alunos com Transtorno Espectro Autista.

De acordo com Vasques e Baptista (2003, apud CHIOTE, 2013), se a criança Autista frequentar continuamente o ambiente escolar será possível, a retomada e a reordenação da estruturação psíquica do mesmo assim fazendo com que seu desenvolvimento seja significativo. Assim a criança tem contato com as crianças ditas normais, e isso vai fazendo com que ela se familiarize com as crianças da sala de aula que está inserida.

Esse trabalho pretendeu contribuir para a comunidade acadêmica de modo a desvendar as angústias e dificuldades dos professores do ensino regular no trabalho com crianças com Transtorno de Espectro Autista.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a formação que os professores do ensino regular têm para trabalhar com aluno Espectro Autista no Ensino Fundamental. Dentro disso pretende também perceber como acontece a formação dos professores para o trabalho com os alunos Espectro Autista e verificar a percepção dos professores quanto à inserção de alunos com transtorno Espectro Autista no ensino regular.

2 AUTISMO

A primeira descrição de autismo foi dada em 1943 pelo Doutor Leo Kanner em seu histórico artigo: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, outro estudioso, Hans Asperger escreveu em 1944 outro artigo com o título: Psicopatologia Autística da Infância descrevendo crianças muito parecidas com as descritas por Kanner. Atualmente, atribui-se aos dois pesquisadores a identificação do autismo. (MELLO, 2004).

De acordo com Teixeira (2015), ainda não se sabe ao certo as causas do autismo. Mas, muitos estudos apontam para fatores genéticos. Algumas alterações

cerebrais, fatores imunológicos, neurológicos, também como a rubéola, encefalite e meningite, poderiam causar o autismo. Fato esse, que é confirmado por Mello (2004, p.17) e complementado relacionando também a “fatos ocorridos durante gestação ou no momento do parto”.

Teixeira (2015) fala que o autismo antigamente era descoberto por volta dos 3(três) anos de idade da criança, hoje com todos os avanços sobre esse transtorno, pode-se identificar o autismo já nos primeiros meses de vida. Quando identificado precocemente o transtorno espectro autista é possível fazer algumas intervenções para que alguns sintomas do transtorno não evoluam.

De acordo com Mello (2004), o autismo é uma síndrome diagnosticada desde a primeira infância e caracteriza-se por falhas principalmente na comunicação e na interação social. O autismo é uma síndrome que pode ser descoberta no começo da vida da criança, sendo assim pode ser tratada no início fazendo com que essa síndrome seja um pouco mais controlada e facilitando a interação.

Para Teixeira (2015), a incidência de 1% (um por cento) do Transtorno Espectro Autista nas crianças e nos adolescentes é de quatro vezes mais em meninos do que em meninas.

Segundo o mesmo autor, além da dificuldade de interação social, comportamento repetitivo e estereótipos e atraso na linguagem, o transtorno espectro autista também está associado a outros transtornos, como: transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de ansiedade generalizada, transtornos de tiques, e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

As características mais comuns na criança Espectro Autista, de acordo com Leboyer (1995 apud CHIOTE, 2013) são: isolamento, incapacidade de se relacionar com outras pessoas; distúrbio na fala e até mesmo crianças que não falam ou que apenas repetem o que é dito a elas, a necessidade da rotina, fixação por um brinquedo específico; o surgimento dos sintomas geralmente ocorre até o 30º (trigésimo) mês.

Esses sintomas podem não estar em todas as crianças com transtorno espectro autista, e nem todos estão englobados em uma só criança. Cada criança tem suas singularidades e peculiaridades, fazendo com que isso varie de criança para criança.

Muitas vezes um grande problema para identificar os sintomas do autismo é a demora do diagnóstico, pois esse atraso pode acabar agravando a situação e

quanto mais tarde se começa o tratamento, menores serão as chances de algum avanço em relação a sociabilidade e a aprendizagem (TEIXEIRA, 2015).

Segundo Teixeira (2015), grande parte das crianças com espectro autista não falam, e continuam sem falar o resto da vida. Mas também existem aquelas crianças que aprendem a falar algumas frases, seguem algumas instruções, ou apenas repetem o que ouvem, e também referem-se a si mesmo por “ele” ou “ela”.

Carvalho (2014, p. 16) descreve algumas características de pessoas com o Transtorno de Espectro Autista:

Há uma incapacidade muito acentuada de desenvolver relações interpessoais nos cinco primeiros anos, caracterizada por uma falta de reação e de interesse pelos outros, sem comportamento de apego normal. Estas dificuldades manifestam-se, na primeira infância, pela ausência de uma atitude de antecipação (ao dar colo a essas crianças, elas assumem uma postura rígida, ao contrário do esperado), pela ausência do contato visual e pela ausência de resposta de sorriso e de mímica. A criança autista não utiliza o contato visual para chamar a atenção, em vez disso há ausência, atraso ou cessação do sorriso, em resposta ao sorriso dos outros. É indiferente aos outros, ignora-os, não reage à afeição e ao contato físico, existindo também ausência de apego seletivo: a criança parece não distinguir os pais dos adultos estranhos.

De acordo com essa descrição, a criança com esse transtorno não corresponde a muitas características que crianças de até 5 (cinco) anos, que não apresentam Aspectro autista, como características. E isso faz com que, a socialização da criança seja ainda mais dificultada.

Teixeira (2015), aponta que a médica psiquiatra Dra. Lorna Wing, que em seus estudos descreve a Tríade de Wing, o que seriam os três principais déficits entre os portadores de transtornos do espectro autista. Esses déficits são na área da imaginação, socialização e comunicação. A área da imaginação na Teoria da Dra. Wing, que seria a capacidade do ser humano se colocar no lugar do outro, entender que as pessoas pensam diferente da sua opinião. Sendo assim, entendemos os comportamentos e emoções das pessoas ao nosso redor.

De acordo com Silva (2012), a criança Espectro Autista não consegue estabelecer o contato visual direto, mesmo com os pais, estes precisam pedir-lhe que olhem em seus olhos, para manter de forma breve um contato visual.

Para Teixeira (2015), os bebês autistas apresentam um grande déficit no comportamento social. Não olham diretamente no olho das outras pessoas, nem mesmo em suas mães, e não sentem interesse na voz humana, não reagem a afeto, não demonstram reação facial a qualquer tipo de carinho recebido.

O mesmo autor diz que, também, existem bebês e crianças espectros autista que começam normalmente o desenvolvimento das habilidades sociais, da linguagem e de repente são interrompidos e regridem no processo que já tinha desenvolvido.

Segundo Teixeira (2015), se a criança não se interessa em seguir seus pais em casa, não demonstra ansiedade quando os mesmos se afastam não se aproximam para brincar com familiares ou crianças, isso pode ocasionar ações repetitivas e estereotipadas, o lambar e cheirar objetos, movimento da cabeça do tronco para frente e para trás, por exemplo.

O não olhar nos olhos da criança autista é bem característico das pessoas que apresentam esse transtorno, fazendo com que isso dificulte ainda mais a socialização no meio onde ele vive.

Teixeira (2015) afirma que 70% (setenta por cento) das crianças autistas tem sua capacidade intelectual afetada, fato que é corroborado por Allen e Courchesne (2001) e Schmidt e Bosa (2011 apud SCHMIDT, 2013) mesmo assim uma parte delas pode frequentar o âmbito escolar e ter um rendimento.

A criança Espectro Autista mesmo tendo essas dificuldades tem o mesmo direito das outras crianças de ser incluída no ambiente escolar.

3 OS PROFESSORES E A INCLUSÃO

Segundo Mantoan (2003) a inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de alunos com e sem deficiência. Depende, contudo, de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações e essa condição não é comum aos professores em geral.

Sendo assim, os alunos sem deficiência e ou transtornos, podem interagir e conhecer alunos que possuem alguma deficiência e ou transtorno, e notar que não é necessário ter o preconceito, pois eles podem muitas vezes se relacionarem.

De acordo com Mantoan (2001, apud BRUSCATO, 2015) inclusão é acolher todas as pessoas sem exceção, para que ocupem o seu espaço na sociedade, exercendo sua cidadania de forma plena.

A inclusão não é apenas “inserir” um aluno na sociedade ou na sala de aula, mas sim, fazer com que ele se adapte a essa realidade que não faz parte do

cotidiano dele. Por isso que existem algumas leis que resguardam as pessoas que apresentam o transtorno de espectro autista.

De acordo com a Lei nº12.764/2012, são direitos da pessoa com transtorno espectro autista:

- I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;
- II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;
- III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:
 - a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
 - b) o atendimento multiprofissional;
 - c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;
 - d) os medicamentos;
 - e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

Os direitos da pessoa espectro autista deve ser seguido, pois se houver reclamação sobre a instituição de ensino que não seguiu algum desses direitos, de acordo com a Lei nº 12.764/2012 pode sofrer algumas consequências, citadas abaixo:

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.
§ 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

Nem sempre os envolvidos conhecem a lei, fazendo com que gestores, muitas vezes, não tomem cuidados em suas ações. O desconhecimento dos familiares, em relação aos direitos que possuem faz com que os mesmos não busquem meios para fazer com que esses direitos sejam respeitados e exercidos.

Para o ingresso de uma criança que apresenta uma deficiência e / ou transtorno em sala de aula deve se dar após professor estar bem orientado, sabendo ao máximo possível a respeito à dificuldade apresentada pela criança, ou seja, suas dificuldades e potencialidades, características de aprendizagem, comportamento, enfim, tudo que possa facilitar o processo de adaptação e aprendizagem. (KEINERT; ANTONIUK, 2012).

O professor deve se preparar ao saber que terá um aluno Espectro Autista em sala de aula, assim pode fazer com que esse aluno tenha algum avanço mesmo que pequeno, pois a partir do momento que um professor pesquisa além do que já sabe os avanços são gratificantes.

Mello (2004) nos mostra que é importante que o professor verifique com alguma frequência que o aluno esteja acompanhando o assunto da aula. Além disso, é aconselhável, também, que esse aluno:

1. Sente o mais próximo possível do professor.
2. Seja requisitado como ajudante do professor algumas vezes.
3. Use agendas e calendários, listas e tarefas e listas de verificação.
4. Seja ajudado para poder trabalhar e concentrar-se por períodos cada vez mais longos.
5. Seja estimulado a trabalhar em grupo e a aprender a esperar sua vez.
6. Aprenda a pedir ajuda.
7. Tenha apoio durante o recreio onde, por exemplo, poderá dedicar-se a seus assuntos de interesse, pois caso contrário poderá vagar dedicar-se algum assunto inusitado ou ser alvo de brincadeiras dos colegas.
8. Seja elogiado sempre que for bem-sucedido. (MELLO, 2004, p. 30)

O apoio aos professores, por parte da equipe pedagógica, é muito importante para que as dificuldades enfrentadas possam ser amenizadas desmistificando assim, a crença de que são conhecimentos referentes à conceituação, tipologia das deficiências e outros temas correlatos que lhes trarão alívio e competência para ensinar a todos os alunos de uma mesma turma. (MANTOAN, 2003).

Desse modo o professor deve ter total ajuda de seus superiores para que quando haja momentos que os alunos especiais estejam em sala de aula, essas aulas sejam adaptadas àquela criança sem com que os demais alunos sejam deixados à margem da aula.

O professor precisa perceber-se como o outro por meio da mediação pedagógica, que privilegia as potencialidades da criança com Espectro Autista, de forma que possibilite uma vivência significativa da linguagem [...] (CHIOTE, 2013. p.49) o professor deve ser o termômetro da relação ensino aprendizagem.

Segundo Teixeira (2015) o professor tem uma grande importância no tratamento da criança autista porque é ele quem faz o, possível, elo entre a escola e os responsáveis pela criança. O trabalho do professor é, auxiliar a criança autista no ambiente escolar, e diversos ambientes que representam a sala de aula, estimulando na interação social, ensinando regras e participação em sala.

A inclusão escolar envolve, basicamente, uma mudança de atitude face ao outro: que não é mais um, um indivíduo qualquer, com o qual encontramos simplesmente na nossa existência com o qual convivemos certo tempo, maior ou menor de nossas vidas. O Outro é alguém que é essencial para a nossa constituição como pessoa e dessa alteridade é que subsistimos, e é dela que emana a Justiça, a garantia de vida compartilhada. (MANTOAN, 2003).

No ambiente escolar, a inclusão não é apenas inserir o aluno especial no ensino fundamental, mas sim, fazer com que este aluno se sinta parte da comunidade escolar.

O professor deve perder o receio de ter em sua sala de aula um aluno Espectro Autista, somente essa atitude, positiva, já torna o trabalho mais fácil. Fazendo também que a criança se sinta mais confiante e se desenvolva melhor. (BELIZÁRIO;LOWENTHAL, 2013 apud SCHMIDT, 2013)

De acordo com Belizário e Lowenthal (2013 apud SCHMIDT, 2013), o fato de a escola incluir alunos especiais, já faz com que os professores passem a discutir o tema nas ações de formação continuada trazendo benefícios para si, para a escola e para as crianças incluídas.

4 METODOLOGIA

Quanto à natureza esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa básica, pois gera conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, porém sem aplicação prática prevista (SILVA; MENEZES, 2005). Não se pretendeu resolver (aplicação prática) este problema, porém a intenção foi procurar reunir informações acerca do tema que podem contribuir para o avanço da área.

Quanto à forma de abordagem do problema trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. ” (SILVA; MENEZES, 2005).Os dados levantados pelos questionários não foram analisados somente numericamente. A interpretação das respostas e a atribuição de significados nortearam os resultados.

Do ponto de vista dos objetivos a pesquisa é exploratória procurando trazer a tona um tema (GIL, 2002). Essa pesquisa procurou evidenciar os problemas relativos à Inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista a fim de que em pesquisas futuras possam ser encontradas prováveis soluções para o caso.

O trabalho realizou do ponto de vista dos procedimentos técnicos um levantamento, “as pesquisas desse tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. ” (GIL,2002).

5 ANÁLISE DE DADOS

Foi realizado um questionário com 20 (vinte) professores que atuam ou já atuaram com alunos com Transtorno do Espectro Autista na Educação Básica na rede privada e na rede municipal. Destes, retornaram 7 (sete) da rede privada e 7 (sete) da rede pública municipal, totalizando 14 (catorze) questionários respondidos. Para a análise desses questionários foram elencadas sete categorias:

- Nível de formação;
- Quanto ao tempo de atuação;
- Disciplina específica para atuação com alunos com espectro autista;
- Curso de capacitação;
- Dificuldades enfrentadas em relação aos alunos que apresentam o espectro autista;
- Formação continuada ofertada pela instituição;
- Importância da inclusão

a) Em relação ao nível de formação:

Quando questionadas sobre seu nível de formação 57% (cinquenta e sete por cento) das professoras afirmaram ter pós-graduação, sendo 7% (sete por cento) especificou que sua pós foi em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e 7% (sete por cento) em Psicopedagogia, 29% (vinte e nove por cento) afirmaram ter apenas graduação, 14% (quatorze por cento) disseram estar cursando o ensino superior. Entre todas 36% (trinta e seis por cento) também declararam ter cursado o Magistério no nível médio. Diante destas respostas é possível verificar que todas as professoras possuem formação específica para atuar como professora.

b) Quanto ao tempo de atuação como professora:

Em relação ao tempo de atuação como professora, 14% (quatorze por cento) afirmaram ter menos de dois anos de atuação, 21% (vinte e um por cento) disseram ter entre cinco e dez anos, 29% (vinte e nove por cento) responderam que tem entre dez e vinte anos, 29% (vinte e nove por cento) afirmaram ter entre vinte e trinta anos, e 7% (sete por cento) mais de trinta anos. Pode-se concluir que a maioria dos professores pesquisados possui já um tempo de atuação na sala de aula.

c) Disciplina específica para atuação com alunos que apresentam espectro autista:

Em relação ao questionamento se durante a graduação, se tiveram uma disciplina específica ou conteúdo relacionado ao trabalho com alunos Espectro Autista, obtivemos as seguintes respostas, somente 36% (trinta e seis) professoras afirmaram que durante a graduação tiveram disciplina específica que discutia o tema, 14% (quatorze) das professoras, afirmaram ter tido apenas como conteúdo dentro de alguma disciplina, e 50% (cinquenta) professoras, afirmaram que durante

a graduação não tiveram nem a disciplina específica e/ou conteúdo sobre o tema proposto. Percebe-se que a metade dos professores, durante sua graduação não teve uma disciplina específica que trata se do tema em questão. Esses dados nos mostram que, a metade dos professores investigados não teve em sua formação o contato com a teoria necessária para o embasamento da prática que é necessária para desenvolver o trabalho pedagógico com os alunos que apresentam espectro autista.

d) Curso de capacitação:

Quando questionadas se, já realizaram algum curso ou capacitação relacionada ao trabalho com alunos Espectro Autista, 64%(sessenta e quatro por cento) afirmaram nunca terem participado de um curso de capacitação referente ao tema e somente 36% (trinta e seis) por cento disseram já ter realizado algum curso, sendo que desse universo, a capacitação a que se referem veio por meio de curso de pós-graduação e/ou foi ofertada pela Secretaria Municipal de Educação. Esse dado nos traz um alerta em relação à capacitação que esses professores, em específico, possuem. Como podemos oferecer um trabalho de qualidade aos alunos que possuem esse transtorno, se não nos capacitamos para tal? Concordamos com Libâneo (1998), quando ele aponta que é nos momentos de formação continuada que a ação sobre a reflexão acontece, ou seja, procuramos adaptar nossa prática por meio da reflexão.

e) Dificuldades enfrentadas em relação aos alunos que apresentam o espectro autista:

Em relação às dificuldades enfrentadas, em algum momento em que trabalharam com aluno espectro autista, apenas 7% (sete por cento) das professoras pesquisadas afirmou que não encontrou dificuldades e, 93% (noventa e três por cento) apontaram que sim, dentre as dificuldades citadas pelas mesmas, apontamos as seguintes: dificuldade de interação, comunicação (foi a mais citada), como também crises, dificuldades de comunicação com os pais dessas crianças, falta de materiais específicos para se trabalhar em sala de aula, e a falta de preparo para se trabalhar com a criança, citadas em menor número. Percebe-se nessa questão que a falta da capacitação (já apontada anteriormente) é um dos fatores determinantes para as dificuldades citadas.

f) Formação continuada ofertada pela instituição.

Em relação à formação continuada ofertada pela instituição, que tem destaque especial no tema desse trabalho, foi perguntado se a instituição que trabalham, oferta a formação continuada com ênfase nos alunos Espectro Autista. Na instituição particular das 70% (setenta por cento) das professoras que participaram da pesquisa afirmaram desconhecer qualquer formação continuada ofertada pela instituição, mesmo já tendo trabalhado com alunos espectro autista, 21% (vinte e um por cento), afirma que há uma formação específica para o trabalho com os alunos espectros autistas, e 7% (sete por cento) das professoras pesquisadas cita uma capacitação ocorrida na semana pedagógica. O que causa estranheza é o fato que entre as professoras que desconhecem as políticas de formação continuada, estão às professoras com mais tempo de trabalho.

Na rede pública municipal somente 70% (setenta por cento) das professoras investigadas, responderam à questão. Sendo destas 30% (trinta por cento) desconhecem alguma política de formação oferecida pela instituição, 10% (dez por cento) não descreve nenhuma política, mas afirma que instituição trabalha com alunos espectro autista e por conta disso já tem certa experiência no assunto. Já 30% (trinta por cento) dizem que existe política de trabalhado para ensinar alunos espectro autista, e 10% (dez por cento) das professoras pesquisadas destacaram o acompanhamento da neuropsicopedagoga, e 20% (vinte por cento) disseram seguir as instruções da Secretaria Municipal de Educação.

g) Importância da inclusão:

Na última questão, foi perguntado se as professoras consideravam importante a inclusão do aluno espectro autista no ensino regular, 7% (sete por cento) responderam que, depende do grau do autismo, pois quando o grau é muito severo não há como conciliar classe e atendimento adequado a criança. Já 93% (noventa e três por cento) consideraram importante a inclusão sendo que algumas comentaram sobre a importância do acompanhamento especializado e da participação dos pais no decorrer do processo educacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa, que se propunha a analisar a formação que os professores do ensino regular têm para trabalhar com aluno Espectro Autista no Ensino Fundamental, foi possível perceber que os professores não tiveram durante

sua formação disciplinas específicas, mas, algumas relataram terem tido alguns conteúdos dentro de alguma disciplina de como trabalhar com alunos espectro autista. As professoras que tiveram disciplinas específicas foram somente no curso de pós-graduação específico na área. Assim, percebe-se que os cursos de graduação, até mesmo na área da educação não possuem disciplinas específicas para serem trabalhadas com os alunos espectro autistas. Isso pode ser decorrente da dificuldade de se diagnosticar e classificar a criança espectro autista.

A pesquisa procurou perceber como acontece a formação dos professores para o trabalho com o aluno espectro autista. Ela acontece muitas vezes de maneira informal, ou seja, na troca de experiências com outros professores que já trabalharam com alunos com Transtorno de Espectro Autista e, muitas vezes isso só ocorre quando se deparam com um aluno espectro autista dentro da sua sala de aula. Algumas vezes as instituições oferecem capacitação, porém os professores nem sempre estão preparados para recebê-la.

Verificando a percepção dos professores quanto à inserção de alunos com transtorno Espectro Autista no ensino regular pode se perceber que todos consideram importante a inclusão dos alunos Espectro Autista em sala de aula.

A pesquisa demonstra que as angústias dos professores são parecidas tanto na esfera privada quanto na esfera municipal demonstra que a fragilidade na formação do professor.

A formação continuada para esses professores deve ser levada em consideração, pois para se trabalhar com alunos espectro autista tem de ter muita responsabilidade e comprometimento com a aprendizagem. Essa formação também deve mostrar quais métodos que podemos trabalhar com esses alunos, de modo que eles não sejam marginalizados dentro da sala de aula e sim inclusos de verdade.

Desse modo a partir do momento que o professor consegue incluir seu aluno nas atividades que realiza em sala de aula, esse professor possibilita abertura de novos caminhos na vida desse aluno, e assim trabalhando junto com as orientações que absorve da formação que obteve em seu trajeto educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012.

BRUSCATO, Andrea. Autismo e escola regular: combinação que dá certo. **Educação em Revista**. Porto Alegre, n. 109, ano 19. Abr/Maio 2015.

CARVALHO, Danielle Pereira de. **Autismo**. 2014. 40 f. Monografia (Especialização em Educação Especial e Inclusiva) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em:
<https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53050.pdf>
Acesso em: 15 nov. 2015.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da Criança com autismo na Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo:Atlas, 2002. 176p

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sérgio Antonio. **Espectro Autista: O que é? O que fazer?** Curitiba: Ithala, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? novas exigências educacionais e profissões docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão: contornando e ultrapassando barreiras**. 2003. Disponível em: <www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/caminhos_pedagogicos_da_inclusao.htm>. Acesso em: 03 nov 2015.

MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: Guia prático**. 4.ed. Brasília: Corde, 2004.

RODRIGUES, William Costa et al. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, v. 90, 2007. Disponível em:
<http://201.31.162.81/cache/pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/64878127/William%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf?ich_args=2bb7e54fdb983e9120b1c8d8f4d43163_1_0_0_12_5132332ff697ec4080908232f87d85fb7d00ca3ba04a13f9cf082c0dde769d16_0_1_0> Acesso em: 25 out 2015.

SCHMIDT, Carlo(org). **Autismo, Educação e Transdisciplinariedade**.Campinas: Papyrus, 2013. 232 p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: Entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos Transtornos Escolares. Entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**.6.ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015. 240 p.

THE TEACHER AND THE CHALLENGE IN TEACHING LEARNING OF ASD CHILDREN

Abstract: This article intend to present the challenges of the teacher that is working with ASD students. Trying to answer the question: Is the teacher prepared to work with students ASD? The objective was to analyze the training that regular education teachers have to work with ASD students in elementary school and to do a survey was applied with teachers from a private school and a public municipal school which was known to have autistic spectrum students. The main finding was that teachers end up having to search for information regarding this issue only when they find that student in the classroom, not having in his formation how to work with that student.

Keywords: Challenge. Learning. Teachers. Autism.